

**HOMENAGEM AO
PROF. SÉRGIO ALVES PEIXOTO**

As afinidades efetivas

Gilberto Mendonça Teles

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Para um depoimento sobre Sérgio Alves Peixoto, que acaba de conseguir a sua aposentadoria na Universidade Federal de Minas Gerais, não vacilo em me apropriar em parte do título do famoso romance de Goethe, *Afinidades eletivas*, escrito em 1808, no momento em que Napoleão invadia a Alemanha e fazia questão de visitar o famoso escritor para condecorá-lo com a Grande Cruz da Legião de Honra. No ano seguinte, por ocasião do aparecimento do romance, o próprio Goethe fala da teoria de que se valeu para construir a narrativa amorosa, com muito de sua vida, conforme ele mesmo declarou a Eckermann: “Não há nenhuma linha, em *Afinidades eletivas*, que eu não a tenha vivido”. Explicando o título, um tanto insólito para a época, Goethe escreve:

Parece que o constante estudo da física induziu o autor a esse título singular. Ele deve ter observado que, na física, muitas vezes, nos servimos de exemplos práticos para aproximar do alcance das ciência humana algo que esteja distante; dessa maneira pretendeu também aplicar, num caso moral, uma fórmula química, sublimando-a à sua origem espiritual, tanto mais que a natureza é uma só.

No romance os termos *física* e *química* formam a base da analogia para explicar as coincidências afins, a quase ou total semelhança (e até identidade) de gostos e de sentimentos (*afinidades*) no relacionamento das personagens, como se elas houvessem escolhido, selecionado (*eletivas*), as suas relações.

Aliás, hoje é muito comum usar a palavra “química” (“Houve uma química”), quase no mesmo sentido empregado pelo escritor alemão.

Mas o que interessa nesta citação é a possibilidade de se jogar com as palavras, melhor, de se fazer uma operação retórica, por substituição: em vez de *eletivas* passar a usar no sintagma o adjetivo *efetivas*, mais próximo de *afetivas*, para dizer que as minhas *afinidades* com Sérgio Alves Peixoto são de ordem *afetivas* e, por isso mesmo, *efetivas*, confirmadas por uma convivência de cerca de trinta anos, tempo mais que suficiente para a consolidação de gostos e sentimentos que foram evoluindo da simpatia para a amizade e desta para a admiração ao homem simples e cordial que ele sabe ser.

Daí o nosso simpático convívio na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde fomos colegas no magistério de literatura brasileira; depois, ele me honrou com a escolha do meu nome para seu orientador no curso de Doutorado, de que resultou o estudo *A consciência criadora na poesia brasileira*, de grande interesse para o conhecimento da teoria poética do barroco ao simbolismo. Foi nessa época que, sabendo que Sérgio Peixoto gostaria de transferir-se para a Universidade Federal de Minas Gerais e Affonso Romano de Sant’Anna queria vir para a UFRJ, aproveitei uma reunião para sugerir a permuta dos dois professores, o que foi aceito pela congregação e agradou a ambos os pretendentes.

No fim da década de 1980, trabalhei como Catedrático Visitante na Université de Haute Bretagne, em Rennes e em Nantes, e tive o prazer de indicar o nome de Sérgio Peixoto (que vinha da Universidade de Toulouse) para uma vaga de Professor Assistente nas mesmas universidades, ocasião em que se solidificou a nossa amizade nas conversas e nos jantares, em que ele se revelou um admirável conhecedor da culinária francesa. Por esse contato fiquei sabendo um pouco de sua vida pessoal, das

angústias e perplexidades, enfim, traços autobiográficos que, além de se identificarem com os de muitas crianças no Brasil, afirmam a personalidade da formação intelectual de Sérgio Peixoto. Certa vez, num pequeno depoimento, resumiu assim, de maneira quase simplória mas tocante, a sua experiência inicial com a poesia:

Pensei em fazer medicina. Desisti, porque não podia ver sangue que desmaiava. Sempre li muito e brincava de escola com a criançada da vila em que nasci. Meu pai foi quem me apresentou à poesia, melhor, à melhor poesia brasileira, na opinião dele: Casimiro de Abreu. E eu li não só ele, mas Augusto dos Anjos, com uns 12 anos. Não entendi nada, mas me deixei encantar pela música e pelo mistério de palavras tão esquisitas. Tive de fazer cursinho, porque fiz Científico e não havia latim nem literatura. Foi aí que tive o meu professor modelo, Rubem Moreira, aquele que eu queria ser quando me formasse. Mas levei uma bronca dele quando lhe mostrei meu primeiro poema, um soneto, que aí vai:

Quando eu vier cansado pela vida
E te encontrar cansada de amargor
Relembrarás, então, minha querida
Nossa primeira noite de amor.

Relembrarás, tão triste e saudosa
Aquela noite que tão logo passou
Quando de beijos te cobri o rosto
O colo, as mãos, o seio cor de rosa.

E então verás que eu te amava muito
Que te adorava como a nenhuma
Que te queria toda para mim.

E nas noites longas, triste e sozinha,
Hás de lembrar que um dia foste minha
E então verás como é triste o fim.

Com humor e autocrítica, conclui que: “A bronca não foi porque se tratava de um soneto parnasiano ruizinho mesmo, mas de eu não ter seguido rigidamente o esquema de rimas. Já que eu queria ser um parnasiano, que seguisse as regras.”

Este o modo, a bonomia, do meu amigo Sérgio Alves Peixoto na sua fala tranqüila, de homem de bem com a vida e com os amigos. Quando vem ao Rio de Janeiro, quase sempre arranja um tempinho para um bate-papo, uma dose de uísque, um licor, um comentário alegre, uma observação pertinente, enfim, tudo aquilo que confirma o poeta de *Esfinge fácil*, o crítico de *A poesia de Mário Quintana* (sua dissertação de Mestrado) e de *O melhor da poesia brasileira – Minas Gerais*; o ensaísta de *A consciência criadora na poesia brasileira: do Barroco ao Simbolismo* (tese de Doutorado); e, afinal, sua pesquisa sobre a *poesia pura* na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação de Antônio Carlos Secchin.

Reafirmo que entre mim (e minha família) e Sérgio Alves Peixoto há mesmo *afinidades afetivas* que, pelo suave convívio, tornam-se cada vez mais *efetivas*, a ponto de, com ou sem trocadilho, se jubilarem com a sua aposentadoria.

Rio de Janeiro, 15 de abril de 2011.